

Decifrar o caminho dos sons

Uma entrevista com Chico Mello

■ O compositor Chico Mello vive desde 1987 em Berlim. Mas ainda oscila entre a Alemanha e seu país, pois não esqueceu suas raízes culturais. Elas continuam sendo importantes para ele - também como compositor, vivendo há cinco anos na Europa. Nascido em Curitiba, em 1957, a música já fazia parte integrante e permanente da vida na casa de seus pais. No Brasil, Chico Mello se formou primeiro em Medicina, com especialização em Psiquiatria, e depois também fez Música, tendo estudado, entre outros, com Hans Joachim Koellreutter. Recebeu importantes estímulos compositivos através dos "Cursos Latino-Americanos de Música Contemporânea".

Com poucos anos na Alemanha, já goza de considerável sucesso como compositor. Sua composição Pão estreou em 1989 no festival de Donaueschingen (Donaueschinger Musiktage), o festival de música contemporânea mais importante na Alemanha. Em maio de 1992, em Bremen, por ocasião do festival Pró Música Nova, realizado pela Rádio Bremen, Chico Mello organizou um programa com compositores e intérpretes latino-americanos, onde foi tocada sua peça Tem um copo de veneno, para piano e instrumentos eletrônicos. Este título é uma alusão à rima infantil: "Lá em cima do piano/tem um copo de veneno/quem bebeu, morreu".

Num folheto de programação do Festival de Música de Donaueschingen, você escreveu certa vez que decifrar o caminho dos sons significa "fazer um passeio pelos muitos Brasis que estão cu-nhados no corpo". O que você quer dizer com isso?

Isso tem algo a ver com um sentimento de pátria. Você percebe: quando você anda, você anda um pouco diferente das outras pessoas. Também quando você faz música, você faz uma coisa diferente. Os gestos e a maneira de pensar são simplesmente outros. Às vezes penso: engraçado, quando oscilo entre o Brasil e a Alemanha, tudo fica exótico, estranho. Quando estou no Brasil, me sinto estranho, mas também muito próximo, porque minha história começou lá. Na Alemanha, sou estrangeiro de qualquer maneira. Na verdade, nesse tempo me tornei estrangeiro em toda parte.

Isso o preocupa?

Agora não mais, porque encontrei uma possibilidade de resolver esse conflito e encontrar um ponto de repouso. Meu corpo é esse ponto de repouso. Eu me observei e reconheci que estou onde me movimento. Estou sempre no meu corpo, seja no Brasil ou na Alemanha. Esse é o único ponto de repouso que posso encontrar.

Você pode se imaginar também no futuro continuando oscilando entre duas culturas tão distintas?

Eu não planejo os anos com antecedência. Não sei fazer isso. Só houve uma vez que pensei:

Quando os intelectuais discutem folclorismo, há muitas vezes um preconceito na Alemanha: folclorismo é um conceito um pouco depreciativo, que é tomado como algo inferior. O povo está lá embaixo, e aí se vai subindo até chegar lá em cima, na elite. Esta é uma forma de pensar tipicamente hierárquica, que não existe para mim. Eu observo que no Brasil é em parte totalmente diferente daqui: os limites não são tão claros. Gente que aprende música clássica europeia também ouve a música popular. Isto acontece provavelmente também porque as ligações familiares no Brasil são simplesmente muito mais fortes que aqui. Na Alemanha há mais indivíduos. Os filhos saem de casa com quinze ou dezesseis anos, querendo desenvolver cedo sua própria identidade, suas próprias opiniões. Sempre notei que as pessoas aqui têm uma relação de discórdia com a família. Isto não é uma crítica, mas uma observação. No Brasil, é diferente. Lá a família é como o sol: está sempre presente.

Você é o caçula de nove filhos...

... e me reúno com frequência com meus irmãos e escuto o que eles pensam. Faço um tipo de música totalmente diferente da deles, mas ela tem sempre muito a ver com minha família. Este fenômeno pode ser observado em toda parte no Brasil. E isso faz a diferença em relação à Alemanha. Os limites não são muito claros.

Toda a sua família faz música?

Sim, minha mãe toca piano e meu pai canta. Eu fui obrigado a tocar violino.

Foi obrigado?

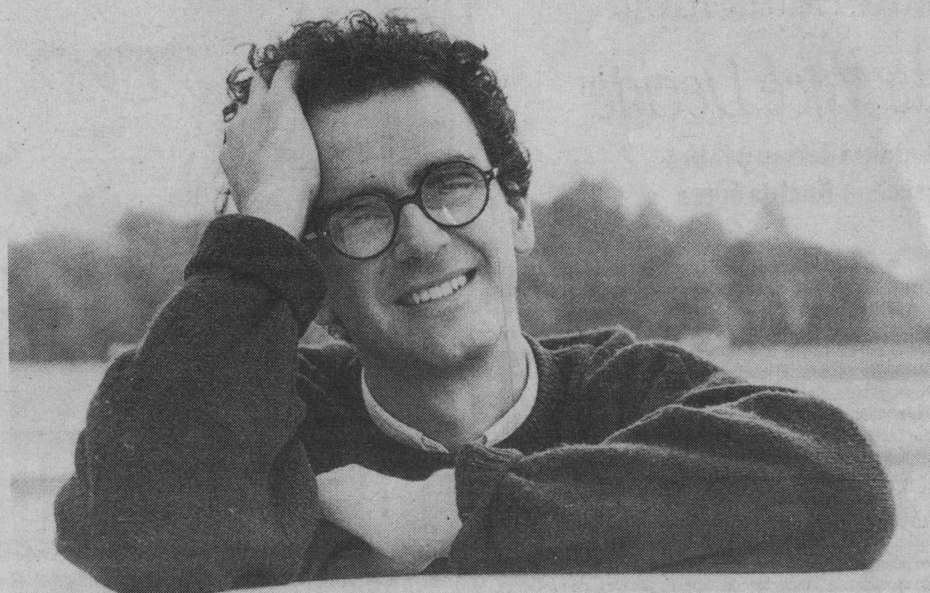
Eu quis e fui obrigado a tocar. Até os meus catorze ou quinze anos, minha mãe sempre dizia: "Você tem que estudar todo dia uma hora de violino!" Era uma questão de disciplina. Eu também tocava guitarra, mas de preferência sozinho, sem professor. Por causa das aulas de violino, fiquei com uma alergia a instituições e professores. Por um lado, gosto de disciplina, porque ela é necessária, por outro a rejeito.

Como se pode ao mesmo tempo gostar e rejeitar disciplina?

Tenho alergia a um certo tipo de disciplina: à disciplina militar, obrigatória. É a mesma diferença que há entre um monge zen e um general. Ambos são pessoas muito disciplinadas, mas completamente diferentes, como o dia e a noite. Na Alemanha encontro os dois lados: a disciplina militar e a disciplina quase religiosa.

Por que você não se formou em Música?

Com dezessete anos estava bastante desaperado e me perguntei: de que é mesmo que eu gosto? De música! Mas músico não é uma profissão regular, pensei. Então disse para mim mesmo: Chico, você tem que ter uma formação. Aí fiz Medicina. Mas quando terminei não tinha emprego. Então me perguntaram se eu não queria dar aulas de Harmonia e Contraponto na Es-



maneira de ser são brasileiros, mas ele fala um alemão perfeito.

Vocês conversaram sobre as duas culturas? O Koellreutter, que nasceu e cresceu na Alemanha, vive no Brasil e você vive na Alemanha?

Em Darmstadt ele me perguntou: "Chico, como é que você pode viver aqui? As pessoas são tão antipáticas!" É que uma garçote totalmente antipática tinha-nos atendido. Nessas situações emocionais notei que ele ficava uma pessoa completamente diferente, apesar de sua maneira de pensar ser alemã. Ele é um cientista musical e um pedagogo alemão. Planeja tudo e é um homem bem organizado. Naquela época ele me ajudou muito a seguir um rumo próprio, um caminho. Com ele exercitei a música de doze tons, mas ele é muito aberto para todas as áreas. Viveu na Índia e entende muito de música hindu. E sempre encorajou os brasileiros a desenvolverem uma identidade própria. Acho isso fascinante para um estrangeiro. Ele é um verdadeiro cosmopolita que vive no Rio. Visitei-o há pouco tempo. Ele está constantemente empregando gente jovem, tem agora 76 anos e continua dando aulas.

Em que direção ele o fortaleceu?

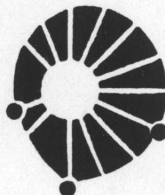
Ele sempre fez questão de que seus alunos se ocupassem da estética e pensassem sobre sua própria música. Ele tem uma sensibilidade muito grande para saber o que é importante para o

cos. É, a gente se liga. Pensei: vou para a Alemanha, e me perguntei: existe ar na Alemanha? Parecido com quando se vai à lua. Lá existe ar? A Alemanha ficava tão longe, eu não sabia se aqui podia respirar. Era um mundo totalmente diferente. Eu nunca tinha estado antes no exterior, além da América Latina. Mas queria essa independência, queria continuar me desenvolvendo. Tinha chegado num ponto, tinha composto uma porção de peças e notado que estava me repetindo. Eu procurava novos impulsos.

E eles vieram do compositor Dieter Schnebel?

Sim. De repente o Dieter Schnebel apareceu, nos Cursos em Piriápolis, em 1986. Novamente os Cursos foram para mim um importante ponto de mudança. É engraçado. Apesar de eu ser o único ateu na nossa família muito católica, sempre tive encontros decisivos com pessoas religiosas. Meu primeiro professor foi um padre que almoçava sempre na nossa casa nos dias de quarta-feira. Ele é um bom compositor. Estudou na Itália e é um homem inteligente. Depois o Koellreutter. Ele também é um filósofo, que se ocupou muito da religião oriental. E depois o Dieter Schnebel, que na verdade é teólogo. Agora nós somos amigos de verdade. Há um destino que não se pode dirigir. Só com o tempo é que se pode ter consciência de para onde é que se vai. Esse é um plano quase místico.

UNICAMP



EVENTO:

Entrevista com Chico Mello

VEÍCULO:

Appolon Musagétte

DATA:

nov 94

PÁGINA:

10

SEÇÃO:



com trinta anos queria estar fora do Brasil. Porque sentia que tinha tantas raízes no Brasil que não poderia nunca viver no exterior.

Por que exatamente com trinta anos?

Percebi que nessa idade as pessoas estão tão ancoradas em sua cultura que não podem mais ir embora. Mas, antes de sair, a pessoa tem que ter primeiro encontrado sua identidade. E identidade eu tinha, quando deixei o Brasil. Lá sempre houve uma influência muito grande da cultura norte-americana. Eu lutei contra isso, porque gosto muito da tradição brasileira. Eu cantava ou tocava a música popular brasileira com muita frequência. E tentei integrar essa música no meu próprio trabalho, mas não como elemento exótico. Desde minha infância fiz música clássica e música popular. Acho importante essa identidade. Então, não se deve ir embora antes de ter uma identidade própria, porque senão pode ser perigoso. No meu caso, foi muito difícil, apesar da minha forte identidade.

Isto significa que você encontrou sua identidade com a música popular brasileira?

Odeio a palavra alemã *volkstümlich* (popular), só a utilizo por motivos práticos. O que significa mesmo popular? Quando se olham, por exemplo, as pessoas que vivem em São Paulo. Lá há simplesmente todas as culturas, como em Nova York. Identidade cultural não existe também só em um setor. Significa muito mais: estar acordado e captar o que se passa ao redor de si, trabalhar todas essas informações. Isto é o que quero dizer com *identidade*. É como quando se está cozinhando.

Você precisa por um pouco mais de fogo para mudar a direção da comida. O fogo faz sua personalidade e com isso você cria seu próprio paladar, cozinhando.

Que importância tem o folclore para você como compositor?

cola Superior. Foi assim que comecei a ensinar guitarra e Harmonia sem ser formado em música e ganhei muito bem. No entanto, tem-se que dizer que as Universidades brasileiras não pagam pior no mundo. Então a situação foi novamente paradoxal - depois de ter me formado em Medicina, ganhei dinheiro de novo com música.

Você recebeu estímulos musicais decisivos através dos Cursos Latino-Americanos de Música Contemporânea. Você pode explicar isso?

Sim, foi em 1978. Naquele tempo eu me ocupava da questão música popular ou música clássica. As pessoas que conheci nos Cursos em São João Del Rey tinham os mesmos problemas. Havia três tipos de música: música popular, música clássica e a mello-música, que era conhecida naquele tempo. Música que fica entre as outras duas. Quando voltei para Curitiba, fundei imediatamente um grupo, que se chamou Intermedium e durou seis anos. Nós improvisávamos muito. Tratava-se exatamente dessa mello-música. Nos Cursos havia coisas ótimas através da ligação direta entre música popular e música nova. Naquele tempo eu ainda não conhecia a Minimal Music da América do Norte. Apenas integrei o conceito de repetição, de que gosto muito, da música popular num outro contexto. Achava isso fascinante.

Você estudou desde 1982 com Hans Joachim Koellreutter. Que importância ele teve para você e que importância tem para o Brasil?

Ele é um ótimo pedagogo. Vive no Brasil desde os 22 anos de idade e na verdade é brasileiro. Apesar disso é incrivelmente alemão. Mas por outro lado também não. Quando o vejo agora acho muito engraçado, porque agora conheço a Alemanha. Uma vez ele me visitou em Darmstadt e almoçamos juntos. Nesse momento pensei: engraçado, alemão ele não é, mas brasileiro também de jeito nenhum. Seus olhos e toda a sua

aluno, então abre o caminho nessa direção. Para mim, por exemplo, é mais fácil estruturar ritmicamente uma peça e depois compor os tons. Eu tenho sempre muito depressa uma *expressão* rítmica. Koellreutter percebeu isso e me incentivou a continuar. "Faça um método disso", disse ele. Além disso, sempre colocou boas questões. E aí você percebe o que é mais espontâneo, o que flui mais. Em 1984 fiz um disco com as peças que tinha trabalhado com ele. Esse foi o final da história que tinha começado em 1978 com os Cursos. Depois decidi: agora tenho que sair daqui. Eu me sentia um pouco isolado, porque o disco não tinha agradado a gregos e troianos, como diz um ditado português.

O pessoal de jazz achou as peças muito compridas e sentiu falta das harmonias. E o pessoal da música nova o achou muito consonante.

Como soavam então as peças?

Elas eram dodecafônicas, mas também ritmicamente brasileiras, exatamente porque saíam do corpo. Eu estava insatisfeito com a dodecafonia. Essa foi uma crise que também existiu na Europa. A pessoa tem um sistema e não sente bem. A música ficou melhor para mim quando conheci a música modal do Nordeste do Brasil. Adoro essa música. Lá ela existe por toda parte. As pessoas a improvisam com duas guitarras. Meu irmão sempre gostou muito de cantar esse tipo de música. Mas minha família é do Sul do Brasil, na verdade nós não tínhamos nada a ver com aquele tipo de música. Mas toda vez que estou no Nordeste, as pessoas me perguntam: "Chico, você nasceu aqui? Você canta assim."

Por que então você decidiu sair do Brasil?

Na verdade sou um tipo calmo e nunca disse: vou sair de casa. Mas sempre fiz o que quis, apesar de nunca ter percebido isso de jeito nenhum. Sair não foi fácil, porque havia muitos la-

De repente as pessoas chegam a uma determinada situação. Esta compreensão me marca cada vez mais.

Em 1987, você foi para Berlim, para o Dieter Schnebel, e estudou com ele novamente nenhuma profissão "ordenada". De que você vive?

Quando saí do Brasil, não queria ter bolsa brasileira. Queria cortar as raízes, mas não de todo. Há muitas pessoas que recebem bolsas e depois ficam no exterior. Eu me sentia mal a respeito disso, porque pressentia que depois de dois anos não iria voltar. E sabia: se eu receber dinheiro do Governo, ou tenho que devolver ou voltar. Então decidi não pegar nenhuma bolsa. Dissolvi meu contrato com a Escola Superior, vendi meu pequeno estúdio e meu carro e vim com o pouco dinheiro que tinha para Berlim. Tinha só uma carta do Schnebel, dizendo que eu podia fazer uma prova para entrar na Universidade. Era tudo o que eu tinha. Então comecei em Berlim a tocar violão e cantar nos bares. Foi uma época difícil, a adaptação não foi fácil. Mas acho um barato ter feito isso. Depois recebi a bolsa Heinrich-Strobel, da rádio Südwestfunk de Baden-Baden, e depois uma bolsa do Senado de Berlim. Também dou aulas e tenho um contrato de ensino na Escola Superior. Eu queria sair da família e da idéia de ter que seguir uma profissão ordenada. Isso consegui. Mas Berlim não é para mim uma cidade fácil de se viver: é uma cidade muito agressiva.

Apesar disso, existem com algumas pessoas um fogo que me prende. É como na música: sempre procuro o fogo. Porque ele faz a gente ficar acordado.

Eckhard Roelke
Fonte: Revista Humboldt 65
- Inter Naciones -